

ANÁLISE DE CONTOS E LENDAS DA TRADIÇÃO ORAL AFRICANA, BRASILEIRA E PORTUGUESA

Analysing tales and legends from the african, brazilian and portuguese oral tradition

BALDÉ, Assana¹, SILVA, Wirley², & COSTA, Guilhermina³

Resumo

Com este trabalho pretendem os autores, naturais da Guiné, Angola e Brasil (respetivamente) e a viverem em Portugal, fazerem uma análise dos contos e lendas que recolheram junto das populações dos indicados países. Foram utilizados os métodos hermenêutico e experimental. Os contos guineenses foram contados na língua fula e traduzidos para português por Assana Baldé. As recolhas feitas integram os géneros conto e lenda. O objetivo deste estudo é demonstrar o carácter étnico da literatura de tradição oral nestas comunidades lusófonas. Serão utilizados os esquemas de análise das personagens Greimas e para a análise da narrativa o método de Cristina Macário Lopes, por se entender que este é o que melhor serve para o estudo destes textos, não deixando, contudo, de fazer a comparação com o esquema de Courtès. Conclui-se-á demonstrando que a literatura de tradição oral é transversal a todos os povos sendo um veículo de transmissão dos seus passados, dos seus medos, sentimentos e tradições, isto é, da cultura dos povos. Através destes géneros literários pela sua autoria anónima e criação espontânea permitir-nos-á conhecer a vivência dos povos a que não foi dada relevância para integrar os cânones da história.

Abstract

With this work the authors, native of Guinea, Angola and Brazil (respectively) and living in Portugal, intend to make an analysis of the tales and legends that they collected from the populations of their countries. Hermeneutic and experimental methods were used. The Guinean tales were told in the Fulani language and translated into Portuguese by Assana Baldé. The collections made integrate the genres tale and legend. The aim of this study is to demonstrate the ethnic character of the literature of oral tradition in these Lusophone communities. The Greimas character analysis schemes will be used and for the narrative analysis the method of Cristina Macário Lopes will be used, because it is understood that this is the best suited for the study of these texts, while still making the comparison with the Courtès scheme. We will conclude by demonstrating that literature of oral tradition is transversal to all peoples and is a vehicle for the transmission of their pasts, their fears, feelings and traditions, that is, the culture of the people. Through these literary genres, due to their anonymous authorship and spontaneous creation, we get to know the history of the people that was not given relevance to integrate the canons of history.

Palabras clave: *Conto; Lenda; Literatura de tradição oral; Lusofonia.*

Key-words: *Tale; Legend; Literature of oral tradition; Lusophony.*

Data de submissão: junho de 2023 | **Data de Publicação:** dezembro de 2023.

¹ ASSANA BALDÉ – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. Email: assana.balde.gb@gmail.com

² WIRLEY SILVA - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. Email: wirley1@hotmail.com

³ GUILHERMINA COSTA - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. Email: 19guilherminacosta@gmail.com

I - INTRODUÇÃO

Pese embora o facto de a literatura de tradição oral já não cumprir o seu objetivo primordial – preservar os costumes, a cultura e a tradição de uma determinada comunidade -, certo é que integra a nossa memória coletiva como recriação simbólica de um espaço-tempo, que deve ser objeto de leitura e conhecimento, valorizando-se social e culturalmente (Pereira, 2016, p. sp.)

Antes do século XVIII era através da literatura de tradição oral que se transmitiam os valores, os costumes e a cultura. Estes textos eram de potencial receção infantil, mas não adaptado às crianças porque nessa época não se conhecia o conceito de *infância* as crianças eram tartadas como adultos. Os contos mais antigos são violentos, propícios a criar medo de ser abandonado, fechado ou comido. Os contos tradicionais (no sentido de conjunto de géneros literários que se transmitem oralmente) têm simultaneamente a função pedagógica, lúdica e estética (Soares, 2013).

Estas narrativas são de uma simples linguagem para perceção das pessoas simples do povo e carregam traços da vida da comunidade onde são contados. Os etnotextos são um veículo de transmissão da cultura.

São exemplos de textos de tradição oral o conto, o conto de fadas, o conto de manha, a lenda, a fábula, as adivinhas, a lengalenga ou os trava línguas.

Neste trabalho vamos analisar dois géneros: o conto e a lenda.

O conto caracteriza-se por ser um texto fictício, curto e, em geral, com um final feliz. Tem poucas personagens sem densidade psicológica, representam estatutos, classe ou grupos de pessoas. A ação é linear centrada na personagem principal, o tempo e espaço são indeterminados.

A lenda é um género próximo do conto, e por isso, facilmente confundível, dele diferindo por o enredo da lenda partir de uma pessoa ou grupo conhecidos ou de um lugar reais onde se desenrolas acontecimentos fabulosos. São histórias que relembra o passado e que resumem as preocupações das pessoas. A lenda tem um fundo autêntico, uma probabilidade e uma localização.

II – O Jacaré Bangão (Anexo I)

O Jacaré Bangão é uma lenda da tipologia etiológica, os factos desenrolam-se na aldeia de Bangão, perto da cidade do Caxito, província do Bengo, por onde passa o rio Dande habitado por jacarés. Acontece no período do colonialismo, com a incursão do sobrenatural colocando o jacaré como protetor do povo maltratado pelo cobrador de impostos, que com medo do jacaré mudou o seu comportamento e assim o povo deixou de ser maltratado.

A nível da estrutura interna é divisível em três partes lógicas: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na introdução indica o lugar dos acontecimentos e apresenta as personagens O cobrador de imposto o povo e o jacaré; no desenvolvimento mostra-nos a indignação do jacaré perante o sofrimento do povo causado pelo cobrador de imposto e a decisão de o travar; na conclusão o cobrador de imposto deixa de maltratar o povo com medo do jacaré.

Quanto às características da lenda verificamos que existe um **fundo autêntico** a aldeia Bangão, o rio Dande e a existência de jacarés neste rio; **probabilidade** no período do colonialismo existiam cobradores de impostos, brancos maus e ganancioso, naquela região; **localização:** o kimbo de Bangão; **época:** no período do colonialismo em Angola; o **maravilhoso e fantástico** com a antropomorfização do jacaré; a **autenticabilidade:** as quatro primeiras características.

A personagens principal é o jacaré que simboliza o povo do kimbo. Esta lenda retrata as relações assimétricas entre os portugueses e angolanos deixando no imaginário do povo angolano as injustiças do colonialismo português, factos aqui transfigurados pela imaginação popular

III - A lenda da Kianda (Anexo II)

Analisamos agora uma lenda cuja tipologia se enquadra nas lendas de entidades míticas. A Kianda é uma versão ou variante da figura mitológica a sereia, que personifica aspetos do mar ou os perigos que ele representa para os pescadores. Nesta representação da mulher que enfeitiça os homens até os afogar, fica a lição de que a ambição desmedida é castigada.

A variante angolana está estruturada a nível interno. Na introdução apresenta-nos a Kianda e o pescador, diz-nos onde vivem; desenvolve a ação com a oferta do tesouro e o comportamento egoísta do pescador; conclui com o castigo do homem que fica sem o tesouro e permanece prisioneiro no fundo do mar.

Esta narrativa, com exceção da época, preenche as características da lenda. Tem um **fundo autêntico**: praia do Bispo em Luanda; **probabilidade**: ser que vive no mar aparece a um pescador; **localização**: em Luanda; **época**: não definida; **maravilhoso**: o aparecimento de uma criatura híbrida que vive no mar e na terra e pode fazer aparecer e desaparecer tesouros; **autenticabilidade**: que se verifica nas três primeiras circunstâncias.

IV - Os meninos desobedientes (Anexo III)

Esta narrativa é uma lenda etiológica. A nível da estrutura interna está completa: na introdução apresenta as personagens que são a mãe e os filhos e caracteriza os filhos como desobedientes para que se entenda o propósito da história que lhes conta; desenvolve o enredo numa história com intervenção do maravilhoso pagão e conclui com a moral ou ensinamento de que os filhos devem cumprir as suas tarefas atempadamente.

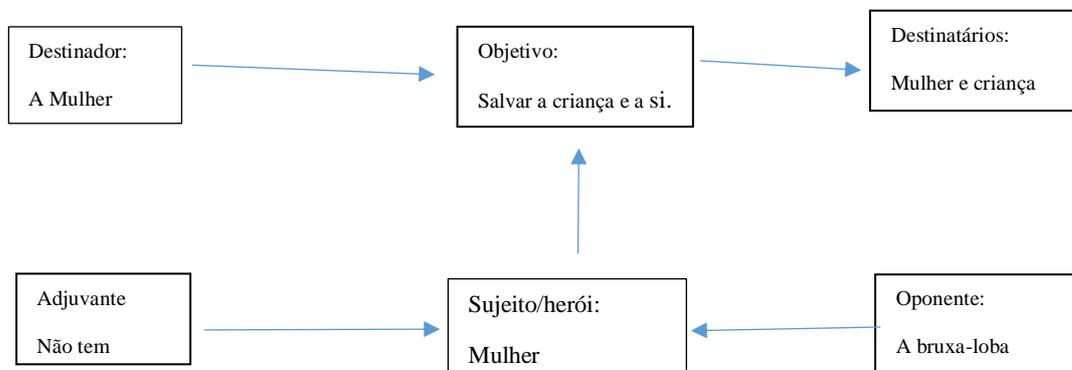
Verificamos também as características típicas da lenda. Tem um **fundo autêntico** acontece na aldeia de São Francisco do Conde que fica no Estado da Baía, no Brasil; **probabilidade** a vida numa aldeia no mato brasileiro onde a comida é preparada na rua e as crianças participam das tarefas dos pais; **localiza-se** na aldeia de São Francisco do Conde, na Baía; não é identificada nenhuma **época**; há intervenção do **maravilhoso pagão** com o aparecimento dos fantasmas; tem **autenticabilidade** provada pelas três primeiras circunstâncias.

Nesta lenda é marcante o caráter híbrido, do ponto de vista genológico, começando com o real os filhos desobedecem à mãe que os assusta com uma história de fantasmas para atingir o seu objetivo - educar os filhos para o cumprimento dos deveres.

V – A Bruxa-Loba (Anexo IV)

Este é, em nosso entender, um conto de manha como demonstraremos ao longo da análise a que nos propomos.

Começamos por apresentar o esquema de personagens segundo Greimas:



Quanto à dinâmica da narrativa seguimos o esquema de Cristina Macário Lopes, segundo a qual dividimos a dinâmica em cinco partes:

Estado inicial – é de equilíbrio. A mulher desloca-se com a criança às costas como é costume em África;

Perturbação - quando aparece a bruxa disfarçada de loba e quer comer a mulher ao jantar e a criança ao pequeno almoço;

Transformação – a mulher decide contar à bruxa que a criança come fígado de loba e que o seu pai se dirige para aquele lugar;

Resolução - é o momento em que a Bruxa-Loba decide ir embora sem comer a mulher e a criança.

Estado final – é de equilíbrio. Não está no plano discursivo, mas sabemos que a mulher continuou a sua caminhada sem ser comida.

Courtès esquematiza a dinâmica da ação em três partes que coincidem com as do esquema de Cristina Lopes. A prova **qualificadora** corresponde aos factos inscritos nos pontos estado inicial e perturbação, a prova **decisiva** corresponde aos factos constantes da transformação e resolução e a prova **glorificadora** que corresponde ao estado final.

Fazendo uma análise mais detalhada,

Quanto à estrutura lógica da narrativa há confirmação do estado inicial que era de equilíbrio e terminou em equilíbrio.

Há linearidade entre o discurso e a história, aquele segue a cronologia da história sem prolepses nem analepses. Todos os diálogos são avanços na ação, são necessários para entendermos a história. Nas falas há isocromia. Porém, no restante texto há anisocromia. O discurso é um resumo da história.

O narrador é onisciente não participativo porque não dá qualquer opinião nem é cúmplice do leitor pois não adianta os acontecimentos.

As personagens são a mulher (personagem principal e heroína) e a bruxa -loba. São inominadas. A mulher representa as mães e a bruxa os perigos da vida, são funcionais. Não têm densidade psicológica sendo por isso planas. Há sincretismo actancial (a mulher desempenha várias funções).

Este conto segue o esquema canónico porque do ponto de vista do herói termina com a prova glorificadora. A mulher através do engano, da mentira consegue salvar a sua vida e a do seu bebé de serem comidos pela Bruxa-Loba.

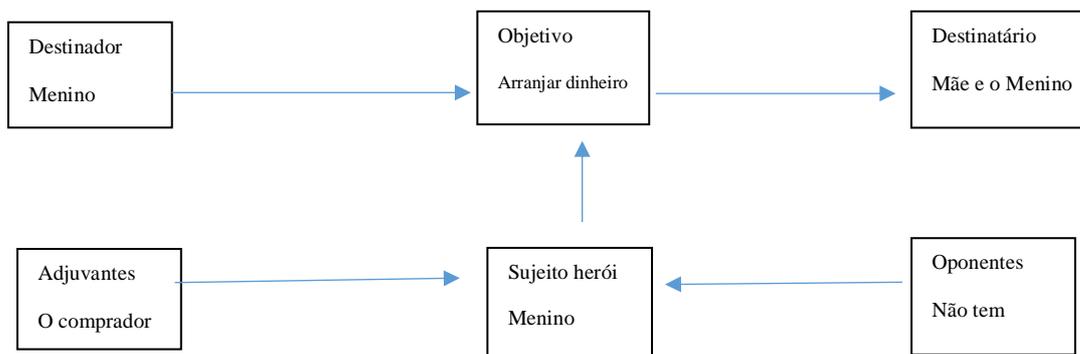
Estamos perante um conto de manha porque a mulher mentiu astuciosamente e conseguiu enganar a bruxa. Eticamente a mentira e o engano são reprováveis, mas no caso são desculpáveis por estar em causa um bem maior- a vida. Aqui a intervenção do fantástico, do maravilhoso acontece com a presença da bruxa que se transforma em loba.

Entendemos que neste conto se verifica intertextualidade média com o conto do lobisomem, assistimos à transformação de uma pessoa num lobo.

VI – O Burro (anexo V)

O Burro é um simples e pequeno conto com uma moral implícita, que retrata a vida no interior norte de Portugal.

Começamos por apresentar o esquema de personagens segundo Greimas:



Cristina Macário Lopes esquematiza a dinâmica da narrativa em cinco partes:

Estado inicial – é de falta. Não tem dinheiro para comprar remédios para a mãe;

Perturbação - quando pensou em vender o burro;

Transformação –decide vender o carvão e vai fazê-lo;

Resolução - vende o burro e o carvão

Estado final – é de equilíbrio. Conseguiu dinheiro para comprar remédios.

Courtès esquematiza a dinâmica da ação em três parte que coincidem dos as do esquema de Cristina Lopes. A prova qualificadora corresponde aos factos inscritos nos pontos estado inicial e perturbação, a prova decisiva corresponde aos factos constantes da transformação e resolução e a prova glorificadora que corresponde ao estado final.

Fazendo uma análise mais detalhada,

Quanto à estrutura lógica da narrativa há inversão do estado inicial que era de falta e terminou em equilíbrio.

Há linearidade entre o discurso e a história, aquele segue a cronologia da história sem prolepses nem analepses. Todos os diálogos são avanços na ação, são necessários para entendermos a história. Nas falas há isocromia. Porém, no restante texto há anisocromia. O discurso é um resumo da história.

O narrador é onisciente não participativo porque não dá qualquer opinião nem é cúmplice do leitor pois não adianta os acontecimentos.

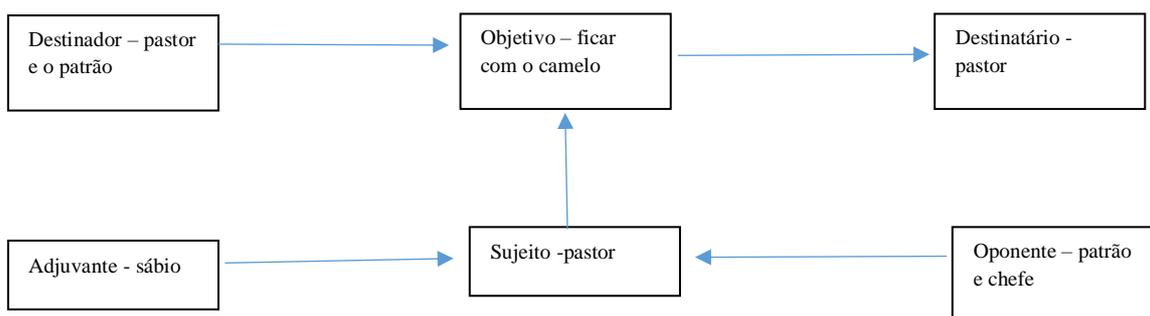
As personagens são o menino, personagem principal e o herói, a mãe e o comprador. São inominadas e funcionais o menino e a mãe representam os pobres e o comprador os homens comuns. Não têm densidade psicológica sendo, por isso, planas. Há sincretismo actancial (o menino desempenha várias funções).

Este conto segue o esquema canônico porque do ponto de vista do herói termina com a prova glorificadora, o menino conseguiu dinheiro para comprar remédios.

VII – O cavalo que pariu camelo

Este conto de origem guineense retrata a vida de um pastor numa aldeia e a relação do povo com o chefe e com o sábio ou curandeiro.

Na análise das personagens, segundo o esquema de Greimas, apresentamos o seguinte:



Cristina Macário Lopes esquematiza a dinâmica da narrativa em cinco partes:

Estado inicial – é de equilíbrio. O pastor tem a sua camela prenha e cuida dos seus animais;

Perturbação - quando o patrão viu o camelo, ficou invejoso e disse que era filho do cavalo;

Transformação – quando o patrão e pastor decidiram ir pedir ajuda ao chefe e ao sábio;

Resolução – perante a incongruência (um homem com menstruação), o patrão deixa o pastor levar o camelo.

Estado final – é de equilíbrio, tudo termina como começou.

Courtès esquematiza a dinâmica da ação em três partes que coincidem com as do esquema de Cristina Lopes. A prova qualificadora corresponde aos factos inscritos nos pontos estado inicial e perturbação, a prova decisiva corresponde aos factos constantes da transformação e resolução e a prova glorificadora que corresponde ao estado final.

Fazendo uma análise mais detalhada,

Quanto à estrutura lógica da narrativa há confirmação do estado inicial que era de equilíbrio e terminou em equilíbrio.

Há linearidade entre o discurso e a história, aquele segue a cronologia da história sem prolepses nem analepses. Todos os diálogos são avanços na ação, são necessários para entendermos a história. Nas falas há isocromia. Porém, no restante do texto há anisocromia. O discurso é um resumo da história.

O narrador é onisciente não participativo porque não dá qualquer opinião nem é cúmplice do leitor pois não adianta os acontecimentos.

As personagens são o pastor, personagem principal e o herói, o patrão, o chefe e o sábio. São inominadas e funcionais. Não têm densidade psicológica sendo, por isso, planas. Há sincretismo actancial (o pastor desempenha várias funções).

Este conto segue o esquema canónico porque do ponto de vista do herói termina com a prova glorificadora, o pastor conseguiu reaver o camelo.

CONCLUSÃO

As narrativas que recolhemos nos países lusófonos transmitem-nos aspetos culturais de cada um dos povos onde são difundidos.

Na lenda da Kianda há interdiscursividade com a lenda da Sereia. As duas narrativas descrevem um ser mítico que vive na terra e no mar, que encanta ou enfeitiça os homens levando-os para o fundo do mar. No caso da lenda da Kianda o ensinamento moral é o de que a falta de generosidade e a avareza não compensa. Na lenda da Sereia o ensinamento é não cobiçar mulher dos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Courtes, J. (1797). *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Almedina.

Lopes, A. C. (21 de julho de 2009). *Analyse sémiotique de contes traditionnels portugais*. Obtido de boooks.google, Universidade de Indiana. Disponível em: https://books.google.pt/books?id=f-fZAAAAMAAJ&q=analyse+s%C3%A9miotique+de+contes+traditionnels+portugais&dq=analyse+s%C3%A9miotique+de+contes+traditionnels+portugais&hl=pt-PT&newbks=1&newbks_redir=0&sa=X&redir_esc=y

Pereira, S. (3 de março de 2016). *Revista online de literatura infantil e juvenil*. Obtido de Fábulas: <https://revistafabulas.com/2016/03/03/a-literatura-de-tradicao-oral/>

Soares, M. L. (2013). *Considerações Gerais sobre a Literatura Tradicional de Transmissão Oral: uma proposta de análise à versão portuguesa de "A Gata Borralheira" (Consiglieri Pedroso)*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

ANEXO I

JACARÉ BANGÃO

Reza a lenda que no Kimbo⁴ Bangão, nas margens do rio Dande perto da cidade do Caxito, capital da província do Bengo, os colonos cobravam impostos que o povo não podia pagar.

O Jacaré Bangão, habitante do rio Dande, via e ouvia o sofrimento do povo causado pelo chefe do posto, um homem branco mau e ganancioso.

Um certo dia, o jacaré decidiu ir pagar imposto, com intenção de correr com o colono mau e libertar o povo.

Ao ver o grande jacaré a sair das águas do rio Dande a fim de cumprir a sua missão, logo o cobrador de impostos ficou aterrorizado e abandonou os maus modos como tratava os moradores de Bangão.

Conto Angolano contado por Flávio Cecílio Pinheiro Quintas através de internet via whatsapp.

⁴ aldeia em kimbundo (uma das línguas de Angola).

ANEXO II

LENDA DA KIANDA

Kianda vivia no mar perto da praia do Bispo, em Luanda. Um dia, viu um homem pobre e triste que andava sozinho à beira mar.

Num ato de bondade, ofereceu-lhe acesso a um tesouro escondido no fundo o mar que só ela conhecia.

O homem enriqueceu logo e ao mesmo tempo que enriquecia tornou-se egoísta e ganancioso, só usava o dinheiro para o seu próprio interesse.

A Kianda, que observava o comportamento do homem, ficou decepcionada com o que viu e decidiu dar-lhe uma lição, fazendo desaparecer o tesouro e deixando pescador sem nada de um dia para outro.

Por vezes, também dizem que a Kianda enfeitiçou o homem, mantendo-o prisioneiro no fundo do mar para sempre.

Lenda Angolana contado por Flávio Cecílio Pinheiro Quintas através de internet via whatsapp

ANEXO III

OS FILHOS DESOBEDIENTES

Vivia uma mulher na aldeia de São Francisco do Conde com os seus filhos. Os meninos eram tão inquietos que não davam ouvidos ao que a mãe lhes dizia.

O que os meninos mais gostavam de fazer era brincar e pouco ajudavam nas tarefas de casa: e quando faziam alguma tarefa era já noite adentro.

Um dia, a mãe que estava farta da desobediência dos filhos, resolveu contar-lhes uma história com a intenção de lhes mudar o comportamento.

Ao serão, chama os seus filhos e conta a história.

“Um menino vivia com a avó. Acontece que aquele menino não aceitava cumprir com os seus deveres a tempo. Certo dia, quando o menino foi lavar a louça à noite, viu um amontoado de ossos e o menino com medo saiu correndo para dentro para contar à avó do que viu. Logo a avó diz para o menino que à noite os espíritos saem à procura de meninos que não cumprem as tarefas para os comer e jogam os ossos fora. O menino desde então nunca voltou a deixar os seus afazeres para mais tarde”

Os meninos ouvindo a história contada pela mãe ficaram com medo e desde então nunca mais deixaram de ajudar a mãe e de cumprir com as suas tarefas durante o dia.

Conto Brasileiro, São Francisco do Conde interior de Bahia, contado por Vinícius Malique da Silva

ANEXO IV

A BRUXA- LOBA.

Era uma vez, uma mulher que ia para uma aldeia vizinha e levava o bebe às costas, antes de chegar o destino, caiu a noite no meio da floresta, a criança começou a chorar, chorava tanto que deixou a mãe com medo.

De repente aparece uma bruxa transformada numa loba com a intenção de comer a mãe e o seu bebé.

A bruxa toda feliz porque ia comer os dois, pergunta de forma irónica:

-Jantar o que chora ao pequeno-almoço?

A mãe responde:

- A criança está a chorar porque o pai habituou-a dar-lhe todas as noites o fígado de loba. Está a chorar por ainda não ter comido fígado de hoje.

A bruxa transformada em loba ficou com medo com a resposta da mulher.

A mulher continuou com o discurso...

- O seu pai foi buscar fígado para ela há já muito tempo, se não conseguiu vai conseguir quando chegar aqui.

-Ah! Deixa a Cabra ir embora. Respondeu a bruxa transformada em loba.

A mãe consegue se salvar com o seu bebé graças a sua resposta que fez a loba mudar de nome e fugir.

Conto tradicional guineense contado por Iaia através de internet via WhatsApp

ANEXO V

O BURRO

Era uma vez o Joãozinho que vivia sozinho com a sua mãe. A mãe tinha um burro e vendia carvão e o Joãozinho ajudava-a, enchia os sacos e carregava o burro para a mãe ir vender o carvão. Um dia a mãe adoeceu e o menino tinha que comprar remédios, mas não tinha dinheiro. Então pensou vender o burro, mas depois pensou que não tinha como ir vender o carvão. Um dia levantou-se muito cedo, tratou da mãe, carregou o burro para ir vender o carvão, e lá foi. De repente, no caminho, apareceu alguém que lhe disse:

- Queres-me vender o burro?

- Não porque preciso dele para ir vender o carvão.

- Mas eu também te compro o carvão, disse-lhe o outro homem.

O Joãozinho pensou um bocadinho e como precisava tanto do dinheiro, aceitou sem pensar.

Quando chegou a casa, levava aquele dinheiro, mas a mãe já estava melhor e ficou muito zangada com o que ele tinha feito, agora não tinham burro para carregar o carvão. O Joãozinho disse-lhe porque o tinha feito e ela ficou muito feliz por ter um filho tão bom.

Contado por Ondina Astorga, 76 anos, Faiões, Chaves

Anexo VI

O CAVALO QUE PARIU CAMELO

Numa tabanca⁵ vivia um homem que tinha muitos animais a ponto de acha que tinha tudo. Porque tinha cabras, cavalos, burros, elefantes, búfalos, zebra, macacos, chimpanzés, tartarugas, galinhas, vacas, carneiros, etc.

O homem vangloriava com tudo que tinha, entretanto, ele tinha um pastor que viviam numa tabanca próxima à dele. O pastor passava uma semana na casa do seu patrão cuidando dos animais.

Só ia uma vez por semana para a sua tabanca para ver a família e aproveitava para cuidar da sua camela.

Um certo dia, disse a seu patrão que tinha uma camela, a notícia não caiu bem ao patrão porque ele tinha todo tipo de animal menos camelos.

Logo pede para o pastor trazer o seu camelo para juntar com os seus animais, assim facilitava-o e podia cuidar dela.

O pastor aceitou a proposta e foi buscar a camela, acontece que a camela estava grávida.

O pasto amarrava a sua camela sempre junta aos cavalos. Depois de um tempo a camela deu à luz.

O pastor acorda de manha e vê que a camela dera luz, logo ele vai junto do animal para cuidar dele. No momento o patrão levanta-se e vê o seu pasto a cuidar do animal e diz:

- Ah! O meu cavalo pariu.

-Não, foi a minha camela que pariu. Responde o pastor.

-Não, foi o meu Cavalo. Não estás a ver? És cego? - Diz o patrão.

Os dois ficaram a discutir sobre que animal tinha dado à luz.

O pastor inconformado com o que sucedera, vai queixar na mão de Djarga⁶, mas em nada resultou.

⁵ Aldeia

⁶ Chefe da aldeia na língua fula

O patrão como tinha grandes riquezas, subornou o chefe e ele ao fazer justiça favoreceu o patrão.

O chefe de tabanca disse ao pastor:

- Tu não sabes que todo animal de quatro pés pode parir um outro animal da espécie diferente de quatro pés? Vão descansar foi o cavalo que pariu.

O pastor que não gostou da justiça feita, voltou a ir fazer queixa, desta vez, foi ao sábio.

O sábio mandou chama os dois e eles explicaram o sucedido. O sábio ficou intrigado e sem encontrar a resposta que podia dar. Ficou um tempo calado sem dizer nada.

Até que os dois questionaram o seu silêncio.

O sábio diz aos dois que voltem para casa porque não está a sentir-se bem, está com a menstruação.

- Mas como pode um homem estar com menstruação? -Questionava o patrão-

Logo o Sábio responde:

-É possível desde que o cavalo pôde parir um camelo.

E assim a situação ficou resolvida, o pastor levou os seus camelos de volta para a sua tabanca.

Conto tradicional guineense contado por Mohamado Cabiro através de internet via whatsapp